

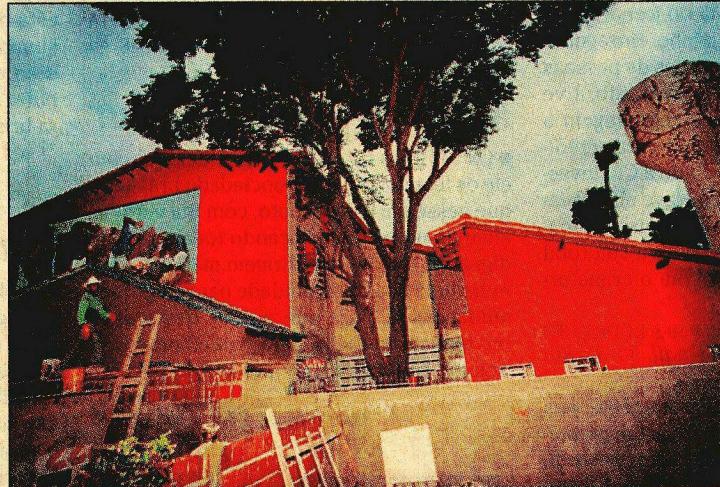
Brasília ganha museu sobre massacre de 98

Líder do Governo Roriz constrói prédio para lembrar confronto ocorrido na gestão do petista Cristovam

• BRASÍLIA. Sem o bom gosto de um clássico como "Dança dos vampiros", de Roman Polanski, um cenário tétrico comporá o inédito Museu do Sangue de Brasília. Na inauguração hoje, às 15h, o visitante verá ataúdes com defuntos de cera, grossas cruzes de cimento, paredes pintadas de vermelho vivo e sangue fictício escorrendo por painéis de fotos, como nos filmes categoria B de Zé do Caixão.

O prédio de dois andares na Via Estrutural, com uma única escada de místicos 13 degraus, será um símbolo político da acirrada disputa entre o governador Joaquim Roriz e o ex-governador Cristovam Buarque. Tanto, que o refrão do museu será: "Brasilienses, não se esqueçam disso!"

— Aqui ocorreu um episódio sangrento que o Governo Cristovam escondeu da popu-



Givaldo Barbosa

O MUSEU DO Sangue tem cruzes no jardim para lembrar as vítimas

lação — brada o líder do Governo Roriz na Câmara Distrital, deputado José Edmar (PMDB), que propôs a obra de R\$ 150 mil.

No jardim central estão seis cruzes em torno de uma alta faveira, marcando a morte de

seis moradores da Estrutural naquele agosto de 98. No salão principal, fotos do conflito e telão de vídeo, onde Edmar diz que serão reprisadas as cenas da ação da Polícia Militar. Não por coincidência, o endereço é Rua do Calvário, 15. O

Como foi o confronto

• Numa manifestação por aumento salarial diante da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), em 2 de dezembro de 1999, o servidor público José Ferreira da Silva foi morto a tiros, num choque com a PM. Outros 26 trabalhadores ficaram feridos, seis em estado grave. Ao anunciar as indenizações para as vítimas, o governador Joaquim Ro-

riz (PMDB) incluiu na lista seis pessoas que, segundo ele, teriam sido mortas durante a remoção de invasores da Via Estrutural, em 8 de agosto de 1997, no Governo Cristovam Buarque (PT), cumprindo ordem judicial. Reportagens do GLOBO mostraram, porém, que moradores listados por Roriz tinham morrido de causas naturais.

museu fica perto da Avenida Deputado José Edmar. Mário-ruzan Amâncio Costa olha o museu e lembra:

— Aqui os PMs me apanharam e me encheram de pancadas.

Na lado direito do sobrado,

um telhado pintado de azulão contrasta com o vermelho brilhante do resto da construção. Ali vai morar Roberto José dos Reis, o Azulão, que perdeu no conflito a mulher, o enteado, a casa e sobreviveu a dois tiros na nuca, segundo Edmar. ■